

DISTINÇÕES ENTRE ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA

Sinara Leite Queiroz*

Resumo: A antropologia, que é uma ciência do homem, trata de todos nós, busca um conhecimento primitivo ligado a nossa origem desde formas simples as mais complexas da evolução social. No desenrolar histórico, o estudo do homem passou de uma visão cosmocêntrica na antiguidade, para uma visão teocêntrica no mundo medieval, até chegar à perspectiva antropocêntrica nos mundos moderno e contemporâneo.

Palavras-chave: Ciência. Homem. Cultura. Antropologia. Filosofia.

Introdução

Iremos perceber que a antropologia se preocupa com o estudo do homem e que é uma área separada da filosofia. Mas ela usa dos princípios filosóficos na sua atuação. A Filosofia é busca perene, constante, “amor a sabedoria”. A Antropologia é “ciência”, surge realmente no final do século XVIII, na Europa, e suas respostas são do seu modo particular. Como a antropologia estuda sobre o homem, esse é um animal diferente dos outros, pois utiliza da razão, cria em seu universo a diversidade de religiões, mitos, cultura, isso é que impulsiona dentro da filosofia, transformando numa antropologia filosófica.

Para a Antropologia Filosófica de que vamos tratar interessa muito mais do que simplesmente uma filosofia da vida, conversas ou observações ocasionais. Isso não significa, no entanto, que tenhamos que nos restringir à meras conceituações teóricas, o mais importante é o questionamento, a pesquisa, a capacidade de criar e expressar conceitos, o posicionamento crítico aprofundado e defensável, o rompimento com as

* Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), E-mail: sinaralqueiroz@gmail.com.

ideologias de massa do dia-a-dia; a compreensão dos aspectos individuais e coletivos que determinam aquilo que somos e a nossa forma de estar no mundo.

Tornar o homem dialeticamente, isso é o que exige a Antropologia Filosófica. Nesse intento, é primordial não tanto um método, mas as questões colocadas; não tanto as respostas, mas a maneira de respondê-las. Veremos que as respostas nem sempre são as mesmas e que podem ser conduzidas em diferentes direções, visto que existem múltiplas tendências e disposições do homem em seu "ser plural": personalidade, sociedade, cultura, psiquismo, espiritualidade etc. Essa multiplicidade prova a complexidade da condição humana, que não se revela em uma única dimensão e que se mostra um terreno de aprofundamento árido e ao mesmo tempo instigante.

Antropologia

A antropologia é a ciência que estuda o homem. Ela faz parte da filosofia, mas funciona como uma ciência autônoma, específica e moderna. Kant distinguiu a antropologia fisiológica, é a que a natureza faz do homem, da antropologia pragmática, o homem faz como ser livre.

A antropologia se divide em 5 áreas:

- Antropologia Biológica – Antigamente era chamada de antropologia física, é responsável pelo estudo dos caracteres biológicos do homem no tempo e no espaço. “O antropólogo biologista levará em consideração os fatores culturais que influenciam o crescimento e a maturação do indivíduo” (LAPLANTINE, 2006, p.17).
- Antropologia Pré-Histórica – Estuda o homem através de escavações, ossadas, marcas, que são vestígios enterrados no solo. Tem como visão reconstituir as sociedades desaparecidas, em técnicas e organizações sociais, e também em produções culturais e artísticas. A partir do que os fósseis nos revelam, estuda a origem e evolução do homem.

- Antropologia Linguística – Estuda a linguagem, como parte do patrimônio cultural de uma sociedade. Através da linguagem os indivíduos compõem uma sociedade se expressam e expressam valores, pensamentos e preocupações.
- Antropologia Psicológica – Estuda o funcionamento do psiquismo humano.
- Antropologia Social e Cultural (ou Etnologia) – Abrange tudo na sociedade, as instituições, segundo os autores britânicos, modos de produção econômica, técnicas, organização política e jurídica, parentesco, conhecimento, crenças religiosas, língua, psicologia, criações artísticas. Surgiu nos séculos XIX e XX nos Estados Unidos, derivada da etnologia do século XIX, é o estudo das sociedades “primitivas”, ligada à arqueologia, à linguística, à história, à psicologia e à sociologia, priorizam ao estudo das culturas dos diversos grupos humanos.

Os autores americanos estudam mais na antropologia cultural os comportamentos. A etnologia se deve a pluralidade de etnias e culturas, que corresponde para os franceses e antropologia é utilizada mais pelos americanos estadunidenses, e se relaciona com o humano.

Lévi-Strauss distingue a antropologia da sociologia porque a primeira há o destaque do observador e, a sociologia prevalece o observador. Lévi-Strauss fez um estudo sobre as estruturas elementares do parentesco (1947), pois o próprio filósofo é contra o incesto, que envolve relações sexuais entre parentes, mas não no ponto de vista de uma lei biológica da natureza humana, mas sobre a cultura, pois ficaria com a mesma cultura e nada iria ser acrescentado.

Os filósofos ressaltaram muitas vezes a importância da antropologia como ciência filosófica, ou seja, como determinação daquilo que o homem deve ser, em face do que é. Humboldt, por exemplo, queria que a antropologia, embora procurasse determinar as condições naturais do homem (temperamento, raça, nacionalidade etc.), visasse a descobrir, através dessas condições, o próprio ideal de humanidade, a forma incondicionada à qual nenhum indivíduo está completamente adequado, mas que continua sendo o objetivo a que todos os indivíduos tendem (ABBAGNANO, 2007, p. 75).

Malinowski dizia que a família é uma instituição universal. Daí ele nos leva a uma aceitação das categorias inglesas que os termos consanguíneos e afinidade têm

valor universal. É o que impulsiona os antropólogos a tratar as palavras sibling, filiação, descendência e afinidade como termos especificamente técnicos, e que podem ser interpretados distintamente pelo uso do raciocínio a priori sem fazer referência à etnografia. Nossa sociedade repudia tal cultura porque é diferente para o momento, ela quer que seja semelhante, seja de comportamento ou cultura. A sociedade tem preconceito para essa realidade em alguns países.

Existe nos sistemas de parentesco um fascínio perene, há um grau atrativo, pois há coincidência precisa. No sistema de parentesco exige uma necessidade de discussão sobre o comportamento normal. Existem clãs que o casamento é parental devido a alianças políticas, são famílias aristocráticas, mas com o intuito de conservar os recursos econômicos, tudo para manter a mesma linhagem.

Pondo de lado a polêmica, a principal hipótese generalizada que até aqui emergiu desse ensaio é que, em qualquer sistema de parentesco e casamento, há uma oposição ideológica fundamental entre as relações que dotam um indivíduo da pertinência a algum tipo de “nós o grupo” (relações de incorporação) e aquelas outras semelhantes (relações de aliança), e que, nessa dicotomia, as relações de incorporação são distinguidas simbolicamente como sendo de substância comum, enquanto as relações de aliança são consideradas como de influencia metafísica (LEACH, 2006, p. 42).

A antropologia demonstrou as convicções do homem de ambiente e área de contato, tipo mito, expressão de uma compreensão à cerca de uma determinada realidade. Deus a rigor é um mito, um ícone, acerca do surgimento do mundo e de tudo. Para a antropologia, os mitos contribuíram nesta ciência, e produzem outro tipo de conhecimento. O antropólogo participa na questão das heranças do colonialismo e da luta para as minorias étnicas e os direitos humanos. A antropologia visa levar a uma reflexão racional à cerca dos problemas da crise mundial, no que diz a crise de identidade, ou o pluralismo cultural: línguas, técnicas e mentalidades. O objeto de especulação da antropologia é o modo de vida das pessoas, seus mitos e crenças. Todos os povos construíram suas mitologias com suas vivências, diálogos. A comparação foi sempre utilizada pelos povos tribais, tem base na vivência no cotidiano que leva a busca explicações e certezas.

A antropologia vai estudar os fenômenos humanos, e não ocupa o lugar da Sociologia e nem da Psicologia. As tribos apresentam todo um ritual, há uma compreensão do que é mostrado. A antropologia é a ciência que fica mais próxima da Filosofia. Ela é responsável por estudar os caos na organização social, política, barbáries (como exemplo homens e mulheres bombas), a produção, locomoção, ar condicionado, a antropologia cuida de estudar suas conseqüências. Já foi objeto de estudos por parte dos antropólogos a briga de galo, a criação de passarinho, a violência, o roubo e o crime. A antropologia está presente no laboratório, museu, biblioteca e sala de aula. Ela é uma ciência que desdobra uma atividade cultural suspeita através do discurso do outro.

Antropólogos importantes: Lévi-Strauss, Frans Boas e Malinowski, este polonês naturalizado inglês, estudou na Ilha de Samoa, eles fundaram a etnografia antes da Primeira Guerra Mundial. Malinowski escreveu *Os Argonautas do Pacífico Sul*. A antropologia só começou a ser ensinada nas Universidades no século XX, na Inglaterra, a partir de 1908 e na França a partir de 1943.

De fato, a filosofia clássica (antológica com São Tomás, reflexiva com Descartes, criticista com Kant, histórica com Hegel) mesmo sendo filosofia social, bem como as grandes religiões, nunca se deram como objetivo o de pensar a diferença (e muito menos, de pensá-la cientificamente), e sim o de reduzi-la, frequentemente de uma forma igualitária e com as melhores intenções do mundo (LAPLANTINE, 2006, p. 24).

A antropologia é um discurso sobre o homem, mas que é pronunciado pelo homem. A partir disso surge um jogo de semelhanças e diferenças, uma dialética de experiências e sistemas. É preciso uma saída de nossos sistemas a fim de que possamos compreender o outro. Sempre a antropologia irá confrontar o problema hermenêutico que refere à questão da interpretação. A antropologia contemporânea exige um rigor hermenêutico. O antropólogo não deixa de interrogar-se sobre si mesmo, apesar de tentar compreender a estrutura própria da outra sociedade. Um etnólogo torna-se antropólogo, mesmo sem assimilar as diversidades regionais umas às outras, ele aproxima os fenômenos.

No encontro da consciência e do mito, ela nos revela todas as “dimensões ocultas” atribuindo-nos um novo olhar. O antropólogo trabalha sobre sua própria sociedade. Na antropologia filosófica o homem é um animal racional e livre, o que podemos afirmar que se define entre Metafísica e Ética: “A antropologia filosófica deve situar-se na interseção desses dois saberes, na medida em que ela irá coroar sua explicação do homem com as duas prerrogativas da ‘razão teórica’ e da ‘razão prática’” (VAZ, 2001, p. 157).

De acordo com François Laplantine, antropólogo francês da Universidade de Lyon II, é um pesquisador no Brasil. Laplantine estuda a antropologia através da história com as perspectivas atuais.

O conceito de homem tal como é utilizado no ‘século das luzes’ permanece ainda muito abstrato, isto é, rigorosamente filosófico. Estamos na impossibilidade de imaginar o que consideramos hoje como as próprias condições epistemológicas da pesquisa antropológica. De fato, para esta, o objeto de observação não é o “homem”, e sim indivíduos que pertencem a uma época e a uma cultura, e o sujeito que observa não é de forma alguma o sujeito da antropologia filosófica, e sim um outro indivíduo que pertence ele próprio a uma época e uma cultura (LAPLANTINE, 2006, p. 61).

O projeto da antropologia surge na Europa. O principal objeto de estudo da antropologia é o estudo das populações não ocidentais. No início do século XX a antropologia nota que a população primitiva tem desaparecido por conta da evolução social. O homem tem um “logos” que é um discurso sobre seu indivíduo, ou seja, o discurso do discurso: a ciência Antropológica é esse discurso. O homem faz parte de um conjunto biológico, e sua existência está na cultura humana que abre possibilidades para a constituição física do homem. As culturas mais simples têm diversos padrões.

Assim, o que a ciência antropológica pretende é contender ao mesmo tempo com ambos os fatores histórico e científico. Por meio do estudo da cultura em ambas as frentes, surgem técnicas e conceitos que nos permitem, de maneira cada vez mais segura, da dinâmica cultural e as particulares sequências de encandeamento histórico que fazem de cada corpo de costumes o complexo único de sistemas de crença e de

conduta sujeitos a padrão que lhes dá a sua identidade como modo de vida identificável (HERSKOVITS, 1947, p.476).

Podemos citar sobre a cultura indígena brasileira, ela é composta por diversas tribos e que estas recebem nomes específicos, mas que em seu universo há uma cultura própria. Quando nasce uma criança filho de um casal de índios, mas que essa criança tenha problema físico ou mental é sacrificado, pois eles alegam para que não perpetue a espécie com alguma mazela. E o restante da população brasileira deve respeitar essa cultura, na dimensão social. A antropologia é uma ciência que nos trouxe contribuições, para que possamos admitir diversos modos de vida e comportamentos de vários povos, ela nos oferece uma apresentação de seus dados, a dignidade essencial de todas as culturas humanas. Reconhecer as várias manifestações como o número de culturas existentes é ser tolerante e não niilista. A antropologia cultural tem relação com à arqueologia, à lingüística, à história, à psicologia e à sociologia, sua característica principal é o estudo das culturas de diversos grupos humanos, em que há um grau de complexidade, localização geográfica e cronológica que variam.

Por sua vez, a Antropologia Cultural - entendida como saber científico que reivindica uma autonomia específica em relação às pesquisas bioantropológicas – distingue-se pelo modo diferente de tratar a multiplicidade. Uma coisa é reconhecer a multiplicidade cultural como pressuposto geral; outra coisa é resolver como tal multiplicidade deve ser operacionalmente enfrentada e administrada (ABBAGNANO, 2007, p. 75).

No Brasil, houve uma miscigenação com várias etnias que foi o processo responsável para a formação da identidade de nossa gente. De acordo com a história, sabemos que os negros foram massacrados pela sociedade e pelos portugueses que administravam o país na época, e ainda ele tem sofrido pelos transtornos até hoje. Os negros que vieram para o Brasil através do tráfico foram de vários grupos, etnias, origens e línguas diferentes. Eles ainda foram obrigados a se conformar a viver num país desconhecido e a viver com os brancos, sendo explorados e tratados como seres inferiores.

Filosofia e antropologia filosófica

A Filosofia nos permite a especulação, o exercício do pensamento, nos pressupõe a transcendência, a investigação lógico-argumentativa e a fazermos uma análise precisa quanto aos fenômenos. As ciências não construíram seus métodos, mas utilizaram os métodos construídos pela Filosofia. A Filosofia por sua vez criou a epistemologia e os métodos. O diálogo entre antropologia e filosofia ao longo da história, contribuiu de forma direta e indireta para seus estudos.

As ciências física e matemática são tidas como ciências puras e não dão conta do ser em sua amplitude, nem mesmo a História e nem a Filosofia. Logo nem a Filosofia e nem as ciências dão conta do estudo do ser humano. A Filosofia implica na aquisição de um conhecimento que seja, ao mesmo tempo, o mais válido e o mais amplo possível. Esse conhecimento em benefício do homem.

São reconhecíveis, por exemplo, na definição de Descartes, segundo a qual “essa palavra significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se entende somente a prudência nas coisas, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode conhecer, tanto para a conduta de sua vida quanto para a conservação de sua saúde e a invenção de todas as artes” (DESCARTES, 2003, p. 4).

O fundamento desta concepção é que o homem é um “animal racional” e, portanto, como diz Aristóteles no início da *Metafísica*, “todos os homens tendem, por natureza, ao saber”: “tendem” significa que não somente desejam o saber, mas também podem obtê-lo. O saber não é privilégio ou patrimônio reservado a poucos; qualquer um pode contribuir para sua aquisição e para seu enriquecimento, tendo, por isso direito de julgá-lo, aprová-lo ou rejeitá-lo. A tarefa fundamental da Filosofia é a busca e a organização do saber.

A primeira concepção da Filosofia é a metafísica; dominou na Antiguidade e na Idade Média, distinguindo ainda hoje muitas correntes filosóficas. Sua característica principal é a negação de qualquer possibilidade de investigação autônoma fora da filosofia. Um conhecimento é filosófico ou não é conhecimento. Aristóteles define a filosofia como “ciência da verdade”, no sentido de que ela compreenda todas as

ciências teóricas, ou seja, a filosofia primeira, a matemática e a física, e exclui somente a atividade prática: mas também esta deve recorrer à filosofia para esclarecer sua natureza e seus fundamentos. Todo o Iluminismo participou do conceito de filosofia como conhecimento científico. Como disse verdade: “Filósofo, amante da sabedoria, da verdade”.

Mais especificamente, a tarefa da antropologia filosófica deveria ser considerar o homem não simplesmente como natureza, como vida, como vontade, como espírito etc., mas como homem, isto é, relacionar o complexo de condições ou de elementos que o constituem com seu modo de existência específico (ABBAGNANO, 2007, p. 75).

Podemos dizer que de todas as questões o problema que se encontra por trás de todos os outros é o da determinação do que seria o homem, qual é o lugar ocupado por ele na natureza, qual a sua relação com o cosmo, sua função no mundo e seu destino. Daí as perguntas: de onde viemos? Para onde vamos? Que poder temos sobre a natureza? Que poder a natureza tem sobre nós? Qual é o sentido da nossa existência? Essas são perguntas que ao longo da vida nos fazemos, mas que não são fáceis de serem respondidas por que não são próprias ao mundo da técnica, da produtividade, da mídia e do consumismo que nos cerca. Essas questões se referem à filosofia, ao exercício do pensamento, a um tipo de conhecimento importante, porém muito pouco relevante para a maioria das pessoas.

Certo, a antropologia pode ser dita filosófica se seu método é filosófico, quer dizer se ela se aplica em considerar a essência mesmo do homem. Neste caso, a antropologia se esforça por distinguir o ente que chamamos homem da planta, do animal e dos outros tipos de entes, e busca por esta delimitação por em luz a constituição essencial específica desta região determinada do ente. A antropologia filosófica afirma-se, desde então, como uma ontologia regional tendo o homem por objeto, coordenada às outras ontologias que com ela partilham o domínio total do ente. Uma antropologia filosófica assim compreendida não pode ser considerada sem outra explicação como centro da filosofia e ela o pode menos ainda fundando esta pretensão sobre a estrutura interna de sua problemática.

Levando em conta nossa forma de estar e atuar sobre o mundo, nossas necessidades e criações, em Antropologia Filosófica nos interessa a busca da compreensão dos seguintes elementos: o universo simbólico humano, o mito, a espiritualidade e a religiosidade como formas específicas do homem se localizar no mundo; as produções técnicas, estéticas e artísticas como maneira de expressão e realização interna e externa da vida humana; a vida cultural e todo o universo das ideologias que constrói as culturas de massa e nos envolve num mundo de consumismo exacerbado e de indiferença ao que verdadeiramente importa em termos culturais; interessam-nos também as produções científicas e as questões éticas, morais e valorativas que envolvem essas produções, sobretudo, na área das ciências biológicas; a política e os problemas sociais que enfrentamos atualmente como a violência, as guerras e as drogas; a liberdade humana, as leis e as normas com todas as determinações e necessidades que as cercam; os aspectos positivos e negativos da revolução tecnológica contemporânea, no que diz respeito ao meio ambiente e à saúde desse meio, em que se inclui o próprio homem; enfim, interessa-nos o mundo do trabalho, a exigência de qualificação e os retornos econômicos e pessoais que temos em nossas profissões.

Conclusão

Antropologia não estuda só a sociedade, mas estuda as sociedades humanas como um todo em suas diversidades históricas e geográficas. Podemos perceber que a ciência antropológica não é empírica. Nossa cultura passa por uma gradação, nós temos que conhecer outras culturas. Percebemos que as ciências utilizaram princípios e procedimentos criados pela Filosofia, tudo pronto. O objeto de estudos das ciências antropológicas é o modo de vida das pessoas. Um dos fatores importantes para um antropólogo é fazer perguntas sempre, tipo como acontece com a Filosofia. É um exercício da antropologia de reencontrar uma memória e não negar a história do indivíduo.

Reafirmando Sócrates, conhecer-se a si mesmo é o primeiro tema que envolve o homem na história da filosofia e também o tema de toda a antropologia filosófica. A reflexão sobre si - exige uma análise sempre renovada dos aspectos da nossa vida cotidiana e dos conhecimentos em termos científicos. Por isso não basta identificarmos os problemas no nível do senso comum, é preciso aprofundá-los no nível científico da pesquisa e do pensamento, bem como na forma especificamente curiosa e questionadora que a filosofia nos possibilita. É preciso, portanto, ultrapassar o simples nível da experiência pessoal e procurar o sentido das coisas em conceitos mais elaborados a fim de alcançar uma visão de conjunto da vida humana e dar-lhe a unidade e a profundidade necessária em meio à infinita multiplicidade das coisas. É preciso que nos esforcemos para que consigamos agrupar os acontecimentos de maneira a ter uma visão crítica sobre a realidade, para além do tecnicismo que engessa as nossas mentes. É preciso que tenhamos a coragem de criar nós mesmos os nossos próprios conceitos, na condição de seres autônomos e reflexivos.

Com a experiência que existe na antropologia filosófica, se relaciona do homem como homem, diferente de animal e planta. Ela percorre o nível transcendental, com a resposta sobre o que é o homem, utilizando do sujeito como mediação entre Natureza e Forma ou como Eu propriamente dito. O campo para a antropologia filosófica é imenso, e sua especificidade sobre o que realmente o homem vem acumulando nos seus anos de história. E nos apresenta que o ser humano é complexo.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DESCARTES, René. **Carta-prefácio dos Princípios da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HERSKOVITS, Melville J. **Antropologia Cultural; Man and his works**. 8 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1947. Tomos: II.

LAPLATINE, François. **Aprender antropologia**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEACH, Edmund Ronald. **Repensando a antropologia**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VAZ, Henrique de Lima. **Antropologia filosófica**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1991, v. I.

